

Caderno de Resumos

VIII ELESÍ

Encontros sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas

“Inclusão das línguas indígenas no mundo digital

Produção, publicação e uso de materiais didáticos em línguas indígenas”

As políticas linguísticas que envolvem a língua e a escola indígena

Prof^a Adriana Oliveira de SALES (UNIOESTE)

Prof^a Dr^a Maria Ceres PEREIRA (UFGD)

RESUMO: Com base na leitura dos textos legais, esta comunicação pretende promover a reflexão no que tange à inclusão do idioma materno, ou seja, as línguas indígenas, (*Guarani Kaiowá, Guarani Nhandeva e Terena*) no currículo escolar de uma escola indígena na Reserva Indígena de Dourados/ Mato Grosso do Sul, com a função de atribuir-lhe o status de língua plena e de colocá-la, pelo menos no cenário escolar, em pé de igualdade com a língua portuguesa, um direito previsto pela Constituição Brasileira e reafirmado em outras resoluções especialmente no Referencial Curricular Nacional Para as Escolas Indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Bilíngue; Currículo; Políticas Linguísticas.

Ensino de português para professores e professoras indígenas em formação superior: reflexões sobre a elaboração curricular a partir de uma perspectiva bilíngue intercultural

Prof. Ms. André Marques do NASCIMENTO (UFG)

RESUMO: O objetivo geral deste trabalho é apresentar as bases iniciais de uma proposta de ensino de língua portuguesa para professores e professoras indígenas brasileiros, num contexto de formação superior específica, no curso de Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás. O aspecto central dessa proposta é situar os professores e professoras indígenas, como os sujeitos geradores e co-constructores de um programa de estudo da língua portuguesa, ou seja, demonstrar como a voz desses professores e professoras, através de suas demandas, constitui o fundamento a partir do qual se dá toda a elaboração desse programa de estudo. Neste trabalho enfoco exclusivamente a elaboração do currículo dos cursos de língua portuguesa, a partir da participação efetiva dos acadêmicos e acadêmicas indígenas e de uma perspectiva que vise à autonomia dos professores e professoras indígenas, no que concerne ao uso da língua portuguesa em suas práticas comunicativas interculturais, e que seja, ao mesmo tempo, cultural e linguisticamente responsiva.

PALAVRAS-CHAVE: Formação superior indígena; ensino de língua portuguesa; currículo.

Educação escolar indígena: políticas públicas para uma escola diferenciada

Cássio KNAPP (UFGD)

Prof. Dr. Antônio Dari RAMOS (UFGD)

RESUMO: Esta pesquisa tem como tema central analisar as Políticas Públicas da Educação Escolar Indígena a partir da Constituição de 1988, a primeira política pública a em tese garantir o direito à diferença. Além de versar sobre as políticas públicas da década de 1990, e a mudança de governo que acarretou na criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Percebemos que a Educação Escolar Indígena que não está preocupada com o respeito e as especificidades da comunidade indígena serve apenas para integrar ou ‘preparar’ o indígena para a vida na cidade. Nesse sentido, entendemos a necessidade da produção do conhecimento numa perspectiva condizente com as realidades e especificidades regionais, para que com isso, elas sejam sujeitos da produção de seus territórios e de sua educação, em uma abordagem intercultural

PALAVRAS-CHAVE: Políticas públicas; Educação Escolar Indígena; interculturalidade.

Primeiras análises do empréstimo do português por jovens da aldeia guarani cerrito

Edvaldo Nunes (UFGD)

Juliane Ferreira Vieira (SED-MS)

RESUMO: Na época em que os europeus chegaram à América do Sul, no século XVI, havia no Brasil várias comunidades indígenas, entre elas a dos Guarani. Estima-se que, no século XVI, os Guarani eram mais de um milhão de pessoas e ocupavam um território de dezenas de milhões de hectares, que compreendia desde o litoral de São Paulo, quase toda a região Sul, até parte da Argentina e uma larga parcela do Paraguai. Hoje, em Mato Grosso do Sul há aproximadamente 75 aldeias indígenas em que a maioria são dos Guarani-Ñadeva e Guarani-Kaiowá. A aldeia guarani Cerrito localiza-se no município de Eldorado. A área foi homologada e demarcada em 1991, com 2.225 ha. Os moradores se dedicam ao plantio de milho, mandioca, melancia dentre outros alimentos. Nessa aldeia, há uma escola onde funcionam as séries iniciais do ensino fundamental. Os professores indígenas se envolvem em projetos objetivando a melhoria da aldeia juntamente com a liderança e com a comunidade. Na escola, é possível perceber que os jovens já têm um modo diferente de falar a língua guarani, pois usam vários empréstimos do português. Essa diferença se evidencia quando comparamos as palavras usadas pelos idosos e as usadas pelos jovens para identificar o mesmo objeto ou situação. Percebemos que algumas palavras do guarani já estão sendo substituídas por palavras do português pelos jovens. Diante disso, este trabalho objetiva demonstrar algumas das palavras em português que já entraram no vocabulário dos jovens de Cerrito e como os idosos as conhecem. Com isso, pretendemos apresentar aos jovens as palavras em guarani que podem ser usadas no lugar dos empréstimos em português, o que fortalecerá o uso da língua guarani na aldeia de Cerrito.

PALAVRAS-CHAVE: Empréstimos Linguísticos; Jovens e Idosos Guarani, Aldeia Cerrito.

Um estudo dos empréstimos do português no guarani-kaiowá: o caso dos estudantes do 3º ano da aldeia te'yikue

Elizabeth Fernandes (UFGD)

Juliane Ferreira Vieira (SED-MS)

Marcos Lúcio de Sousa Góis (UFGD)

RESUMO: Na época em que os europeus chegaram à América do Sul, no século XVI, havia no Brasil várias comunidades indígenas, entre elas a dos Guarani. Estima-se que, no século XVI, os Guarani eram mais de um milhão de pessoas e ocupavam um território de dezenas de milhões de hectares, que compreendia desde o litoral de São Paulo, quase toda a região Sul, até parte da Argentina e uma larga parcela do Paraguai. A região do hoje estado de Mato Grosso do Sul esteve isenta de intensos processos colonizadores até o começo do século XX e, por isso, conseguiram, as populações Guarani e Kaiowá, se manter distantes dos grandes problemas decorrentes da colonização. Contudo, no século XIX e até as duas primeiras do século XX grande parte dos territórios Guarani e Kaiowá foi alvo de veemente mobilização exploratória da erva mate. Mais tarde, nos anos 1940, a mesma região recebeu o programa da Colônia Agrícola Nacional – CAND, que trouxe novos atores para região. Assim, os Guarani e os Kaiowá precisaram estabelecer, no que diz respeito ao comércio e à mão-de-obra, novas relações com os não-índios. Com o passar do tempo, esses laços se estreitaram e novos elementos entraram nas aldeias, tais como a escola, o posto médico, o rádio, a tv, o computador, a Internet; e isso acabou por interferir também na língua materna dos Guarani e Kaiowá. Na aldeia kaiowá-guarani Te'Yikue não foi diferente. Nas escolas dessa aldeia é possível perceber que as crianças passaram a usar rotineiramente palavras do português em suas construções linguísticas e, com isso, algumas palavras da língua kaiowá foram esquecidas, ficando apenas no falar e na memória dos mais velhos. Diante desse contexto, este trabalho objetiva levantar, por meio de uma pesquisa com estudantes do terceiro ano do Ensino Fundamental da escola indígena *Nhandejara Pólo*, município de Caarapó-MS, quais palavras estes estudantes Kaiowá emprestam do português no momento de construir sua oralidade e sua escrita e quais os fatores que envolvem o empréstimo linguístico no universo Kaiowá, mostrando as possíveis resistências dessa língua e a necessidade de sua valorização.

PALAVRAS-CHAVE: Empréstimo Linguístico; Crianças Kaiowá; Aldeia Te'Yikue.

Concepções dos professores indígenas, da aldeia Taquaperi, a respeito do ensino da matemática na escola

Enoque Batista (UFGD)

Prof^ª. Me. Maria Aparecida Mendes de Oliveira (UFGD)

RESUMO: O trabalho, como professor indígena, nas séries finais do Ensino Fundamental, na disciplina de Matemática, evidencia ainda mais as dificuldades que os alunos e professores estão enfrentando na área de Educação Matemática, nas escolas indígenas. Com esta preocupação, procuramos refletir e compreender como será ensinada a disciplina de Matemática, principalmente quando os professores trabalham com temas geradores nas séries iniciais e nas séries finais do Ensino Fundamental, e qual o aproveitamento que os alunos têm com este estudo e porque ensinar Matemática. Neste sentido a formação específica para os professores indígenas através de cursos como o Ará Verá-Curso Normal em Nível Médio para os Guarani e Kaiowá (SED/MS) e do *Teko Arandu*- Licenciatura Intercultural Indígena (UFGD), contribui para aquisição de conhecimento na área pedagógica que influencia no contexto do professor indígena superando a prática de conhecimento imposta pela cultura escolar imposta pela sociedade não indígena ao longo do processo de escolarização indígena. Assim procuro, neste texto, trazer alguns elementos iniciais da pesquisa que estou realizando para o trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Indígena, que tem como um dos objetivos principais investigar a relação que o professor indígena estabelece com o conhecimento indígena integrado com o conhecimento científico, em sua prática metodológica a partir da formação de professores indígenas do Ára Verá e no outro curso que os professores se desenvolvem, o que pode mostrar sua especificidade e o que leva a sua formação na escola indígena.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores indígenas; Educação Matemática; Educação Escolar Indígena.

Estudo sobre as representações sobre o indígena na Escola Menodora Fialho de Figueiredo – Dourados-MS (2008-2009)

José Antonio FERNANDES (UFGD)

Nauk Maria de JESUS (UFGD)

RESUMO: Os índios vêm sendo enquadrados como *escravos* ou *aldeados*, legados a condição de vítimas e despossuídos da história, quando não, ao contrário, aparecem como transtornadores da ordem social. Isso pouco se alterou, mesmo com todas as transformações ocorridas. Com as representações em torno dos índios, especialmente de Mato Grosso do Sul, procuramos em nosso trabalho, através de dados coletados na secretaria da escola, de análise do livro didático adotado e entrevistas com alunos e professores, entender a percepção dos alunos sobre os indígenas, o que eles vem aprendendo e apreendendo em sala de aula e as visões dos professores sobre o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas; Ensino de História; Representações.

Discurso e poder: um estudo dos tempos verbais no gênero relatório final de perícia em terra indígena

Juliane Ferreira Vieira (SED-MS)

RESUMO: Analisa-se, neste trabalho, um Relatório Final de Perícia (1998), produzido a partir de uma determinação judicial e elaborado após uma pesquisa antropológica, que visava levantar traços do tipo de ocupação das terras por parte dos índios Kaiowá do Panambizinho, área indígena localizada no município de Dourados – MS. Objetiva-se explorar categorias de análises propostas por Fairclough (2001) em seu modelo tridimensional, focalizando os tempos verbais, com base em Weinrich (1968), e suas relações com as condições de produção do discurso. O modelo-teórico de Fairclough (2001) é aberto ao tratamento de diversas práticas na vida social e visa a estabelecer um quadro analítico capaz de expor a conexão entre as relações de poder e os recursos lingüísticos escolhidos por pessoas ou grupos sociais. O gênero discursivo, aqui analisado à luz da visão bakhtiniana (Bakhtin, 2000), é concebido como

formas-padrão *relativamente estáveis* de discursos, mas que se diferenciam conforme o tema, o estilo e a organização composicional. O discurso é visto como prática social que se realiza por meio dos gêneros discursivos e apresenta dupla face: primeiro, é moldado pela estrutura social, segundo, é constitutivo da estrutura social. Weinrich (1968) afirma, em sua teoria concernente aos “tempo do mundo narrado” e “tempos do mundo comentado”, que a sinalização verbal não está ligada ao tempo (*chronos*), mas à dependência do verbo para com o sujeito falante. As análises evidenciam que as forças que lideram o discurso, no Relatório Final de Perícia, estão ligadas à luta pelas minorias que não dispõem de recursos para lutar pelos seus direitos. Dessa maneira, o discurso do sujeito pretende corrigir injustiças sociais construídas historicamente, no caso com o índio, e preparar o caminho para a emancipação desses indivíduos que se encontram no lado menos privilegiado da ordem social.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso e Poder; Tempos Verbais; Gênero Relatório Final de Perícia em Terra Indígena.

“Esta Língua não é Minha” – Experiências com Crianças Guarani/Kaiowá em uma escola pública do MS

ALMEIDA, Ilda Barbosa Teko Arandu/FAED/IC/CAPES

PEREIRA, Maria Ceres (Or.) FACALE/UFGD – CAPES

RESUMO: Um grupo de indígenas Guarani/kaiowá está, atualmente, em um acampamento as margens da Rodovia que liga Dourados ao município de Rio Brilhante. Trata-se de indígenas falantes do kaiowá como L1 e, com as famílias há muitas crianças. Estas, por sua vez, passaram a estudar em escolas públicas de Rio Brilhante, contudo, a Secretaria Municipal daquele município não tinha experiência com alunos indígenas, tampouco, com alguma tipologia de educação bilíngüe. Assim, as crianças ao chegarem à escola viviam experiências linguísticas pouco estimulantes. Não viam sua língua ali contemplada e não entendiam a língua da professora. O choro passava a ser a expressão do desalento. Assim, como acadêmica em formação propus o projeto de Iniciação Científica que ora apresento parcialmente a experiência em sala de aula acompanhando estes alunos e dando suporte linguístico tanto a eles quanto a professora. Minha atividade é de servir de “interprete” e mediadora dos conteúdos escolares e auxílio na tarefa de ler e de escrever em língua portuguesa. Todas as atividades são gravadas e os eventos de letramento que permeiam as questões das línguas em contato/conflito servirão de agenda para a discussão dos registros. Este projeto de iniciação científica está vinculado ao projeto – Investigações em Linguística Aplicada. Entre Política Linguística à Educação Bilingue. O Caso dos Tekohá Kuera no MS, financiado pela CAPES e sob coordenação geral da Prof^a Dr^a Maria Ceres Pereira.

PALAVRAS-CHAVE: cenário indígena; escola pública; sala de aula.

Utilização do EAD (ensino à distância) em contextos bilíngües complexos

BENEDETTI, Luis Angelo Lima

PEREIRA, Maria Ceres - UFGD

Resumo: o presente estudo objetiva construir um canal de expressão para culturas indígenas, através do desenvolvimento de materiais didáticos no formato de apostilas e audio-visuais de apoio ao ensino, voltados à alfabetização em guarani e outras disciplinas constantes na lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9394/96, que ratifica a educação escolar bilíngüe e intercultural. O escopo principal do trabalho será a realização de uma pesquisa colaborativa com professores da escola Ramão Martins, localizada dentro da reserva indígena jaguapirú, em Dourados – MS, junto com profissionais da área de comunicação e linguística na busca de um formato amplamente incluyente de material didático, adaptado às reais necessidades da região e voltado para um processo de crescente valorização das práticas culturais e linguísticas das populações indígenas dentro dos espaços de aprendizado. Serão levantadas, através de entrevistas com pais e mestres, quais as demandas específicas por material didático, em idioma guarani. Em um segundo momento, o estudo passará para a fase de desenvolvimento do aspecto textual e acadêmico da apostila, através da colaboração dos professores falantes do idioma

guarani-kaiwoá. Após o escopo textual desenvolvido, serão criadas as ilustrações e exemplos contidos no material, sempre respeitando a contextualização do uso cotidiano do idioma no aprendizado, ao utilizar exemplos da própria comunidade, de maneira inverter a lógica do ensino descontextualizado, baseado sobre exemplos ilustrativos desconexos do mundo em que os jovens se desenvolvem. Finalmente, como forma de valorizar e cristalizar a sabedoria da cultura guarani, propõe-se a construção de um material de apoio, abordando temas diversos de interesse diretos dos jovens, como drogas, álcool, educação sexual, etc, a partir da gravação de entrevistas com chefes, rezadores e demais membros da comunidade detentores da tradição cultural, de forma proteger esse conhecimento do próprio caráter efêmero da oralidade.

“A gente tá tudo junto aqui é pra as crianças crescerem melhor”. Notas sobre a escola, a criança indígena e seus direitos na R.I. Te'iykue/Caarapó, MS.

Diógenes Egidio CARIAGA (UFGD/ETNOLAB)
Prof^o Dr^o Levi Marques PEREIRA (UFGD/ETNOLAB)

RESUMO: O objetivo desta comunicação é apresentar considerações sobre a percepção dos professores indígenas da Escola Municipal Indígena Nhandejara Pólo na R.I. Te'iykue, no município de Caarapó, MS, sobre o papel da escola na socialização e promoção dos direitos da criança kaiowá e guarani. Desde a década de 1990, esta comunidade indígena tem vivido um processo de (re) organização interna, a partir da elaboração da política de educação escolar intercultural, que busca construir um diálogo entre o modo de ser kaiowá e guarani e a institucionalização da presença do Estado, através das políticas públicas e serviços na reserva, na tentativa de romper com paradigmas assimilacionistas e/ou integracionistas destes organismos. O texto procura demonstrar o tema a partir de conversas informais com os professores e a coordenação pedagógica, observação do cotidiano escolar e com leituras sobre a R.I. Te'iykue, para que seja possível compreender a importância da escola na construção das políticas que atuam sobre os direitos da criança.

PALAVRAS-CHAVES: Escola; Criança Kaiowá; Direitos da Criança.

O estudo das espécies arbóreas e o significado para a cosmologia Guarani Kaiowa da aldeia Te'yikue município de Caarapó-MS

Acadêmico de Licenciatura Indígena Eliel Benites (UFGD)
Profa. Dra. Zefa Valdivina Pereira (UFGD)
Profa. Dra. Andréia Sangalli (UFGD)

RESUMO: Este trabalho objetivou levantar as espécies arbóreas de uso múltiplo para a cosmologia Guarani Kaiowá das terras indígenas Te'yikue, Município de Caarapó-MS, bem como identificá-las através da ciências tradicional Guarani Kaiowá e da ciências ocidental e reproduzir esses conhecimentos em forma de material didático para ser trabalhado nas escolas indígenas do MS. O estudo tem sido realizado através de entrevistas com os anciões da aldeia, onde são levantadas as espécies mais utilizadas no contexto das práticas culturais, os remédios naturais, as frutíferas nativas, as indicadoras de solos férteis e as utilizadas na construção de casas. Amostras do material botânico são coletas, herborizadas e identificadas mediante literatura especializada e consulta a especialista. Dentre as principais espécies definidas como de interesse tradicional destacam o Yvyra Pepe (*Holocalyx balansae* Micheli), Urunde'y (*Myracrodruon urundeuva* Fr. All.), Hyary (*Cedrella fissilis* Vell.), Ka'i ka'ygua/Guãivî pire (*Cariniana estrellensis* (Raddi) Kuntze) e Yvyraro (*Aspidosperma polyneurom* Müll. Arg.).

PALAVRAS-CHAVE: Te'yikue; Conhecimento Tradicional; Espécie Arbóreas

Linguagem e Prática Pedagógica: Heterogeneidade x Poder

Elza PIEPER (UFGD)
Prof^a. Dr^a. Rita LIMBERTI (UFGD)

RESUMO: Quando determinada classe assume o poder político, ideológico e econômico, a língua utilizada por essa torna-se a língua padrão. Diante dessa constatação, entende-se que os

estudos lingüísticos não devem isolar a língua do contexto histórico-político, visto que são indissociáveis. Fala-se, portanto, de uma sociedade complexamente definida e dividida em classes, de modo que uma delas é quem define o padrão lingüístico-social para as pessoas. Em vista disso, caso as pessoas pertencentes a outros grupos lingüísticos não dominem tal padrão, serão terminantemente excluídas e tidas como lingüisticamente equivocadas, apesar da riqueza cultural de variações dentro de uma língua. Tomando-se como parâmetro a complexidade das variações da língua portuguesa, procura-se avaliar o grau de complexidade em relação às línguas indígenas, considerando a exclusão cultural em que se encontram os índios. Diante desses fatos, discute-se, neste trabalho, a urgência da implantação de uma cultura e uma prática pedagógica bilíngues nas escolas indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Poder; Língua; Cultura, Índio

Co-oficialização da língua Guarani no MS: resistência cultural e lingüística

Francisco Vanderlei Ferreira da COSTA (UFGD)

Lauriene SERAGUZA

RESUMO: Este estudo pretende lançar um olhar sobre a co-oficialização da língua indígena Guarani em dois municípios de Mato Grosso do Sul: Paranhos e Tacuru. A co-oficialização de línguas indígenas já foi implementada no município de São Gabriel da Cachoeira, AM (2002) e recentemente aprovada nas Câmaras de Vereadores de Tacuru e Paranhos - MS (2010). A imposição violenta da língua portuguesa ao povo brasileiro, numa tentativa de “civilização” do povo “recém descoberto”, tentou exterminar as línguas indígenas que atualmente levantam-se fortalecidas provocando uma revolução cultural e lingüística; inquietando a sociedade envolvente. Propondo praticar o que diz a Constituição brasileira, os projetos de lei de dois municípios deste estado vêm no sentido de garantir os direitos a uma diversidade lingüística. Certamente a co-oficialização causará impacto visto que no imaginário do povo brasileiro, neste caso mais especificamente sul-matogrossense, ainda permanece uma identidade ligada a uma língua una. Porém é necessário continuar com políticas fortes que reconheçam a diversidade étnica e lingüística brasileira, fato que tem sido fortalecido neste estado.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas indígenas; Língua guarani; Co-oficialização

Leituras e leitores: as práticas de leitura dos professores indígenas kiriri

Jucimar Pereira dos SANTOS (UNEB)

Profª Drª Maria Nazaré Mota de LIMA (UNEB)

RESUMO: O presente trabalho tem a pretensão de investigar e discutir os aspectos principais relacionados as práticas do ensino de leitura dos professores indígenas da etnia Kiriri, pertencentes às escolas indígenas da mesma etnia, localizadas no Município de Banzaê, região nordeste do Estado da Bahia, Território de Identidade Semiárido Nordeste II. Partindo da reflexão inicial que procura diferenciar educação indígena de educação escolar indígena, permitindo desta forma dialogar sobre os principais aspectos relacionados às comunidades indígenas, uma vez que entre esses povos existem diferenças e semelhanças. Procura analisar o processo de desenvolvimento educacional do povo Kiriri, com ênfase para a prática de leitura e letramento. São apontados pelos próprios professores índios a necessidade de aprofundar tais práticas, trazendo para o cerne da questão o aprofundamento teórico e a análise da própria prática desenvolvida pelos respectivos professores, desencadeando na questão maior que é a seguinte: as práticas de leitura propostas pelos professores índios que atuam nas escolas indígenas kiriri do Município de Banzaê sinalizam uma valorização da cultura indígena ?

PALAVRAS-CHAVE: Educação escolar indígena; leitura; letramento

Experiências de Leitura Guarani/Português em Escola Indígena

Jussara Marques LOPES IC/CNPq Teko Arandu/UFGD

Maria Ceres PEREIRA (Or.) Mestrado em Letras/UFGD

RESUMO: Nesta comunicação apresentarei recortes de meu trabalho de Iniciação Científica/CNPq em desenvolvimento em uma escola municipal indígena na aldeia Jaguapiru em Dourados/MS. O trabalho é de oferecer aos alunos indígenas da classe atendida, insumo em língua indígena e portuguesa para que os alunos percebam as duas línguas no mesmo nível de importância e, igualmente, que se sintam estimulados a adquirir as habilidades letradas tanto em português quanto em guarani. Todas as atividades são gravadas em áudio, objetivando averiguar através das gravações, como as crianças usam as línguas nas atividades propostas? que tipo de atitude demonstram em relação as línguas? Este trabalho só é possível porque, sou falante como Iniciação Científica tenho a língua guarani juntamente com o português.

PALAVRAS-CHAVE: bilingüismo, leitura, educação

Um estudo das palavras guarani faladas pelos idosos de porto lindo

Maciel Vilharva Cáceres (UFGD)

Juliane Ferreira Vieira (SED)

RESUMO: Segundo Aryon Rodrigues (1986), os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes entre si. Cada um tem usos e costumes próprios, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, o que resulta de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se também dos não-índios e entre si por falarem diferentes línguas. Rodrigues ressalta que cada língua indígena reflete não só aspectos importantes da visão de mundo desenvolvida pelo povo que a fala, mas constitui, além disso, a única porta de acesso ao conhecimento pleno dessa visão de mundo que só nela é expressa. O guarani é uma língua ameríndia da família Tupi-guarani e que tem muitos dialetos. A aldeia guarani Porto Lindo, localizada no município de Japorã-MS, com 4000 habitantes, falantes da língua guarani, possui uma escola pólo e quatro extensões, nas quais trabalham aproximadamente 30 professores indígenas e cinco não-índios. O ensino fundamental é oferecido na escola da aldeia e o ensino médio na cidade. Na escola, percebemos que algumas crianças guarani já não falam algumas palavras do guarani, emprestando do português e do espanhol palavras para completarem seus textos. Essas palavras entram no vocabulário das crianças por meio do contato com os não-índios e também pelos meios de comunicação que possuem como TV e rádio. Assim, palavras antigas do guarani já estão sendo esquecidas, fazendo parte apenas do vocabulário dos idosos. Com isso, a língua guarani perde muito de sua lógica e de sua ideia próprias da visão de mundo guarani. Diante desse contexto, este trabalho pretende apresentar palavras faladas por idosos da aldeia Porto Lindo do campo das plantas medicinais, corpo humano, animais, já esquecidas pelos jovens e ainda demonstrar algumas hipóteses do esquecimento destas por parte dos jovens guarani.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Guarani; Idosos Guarani; Aldeia Porto Lindo.

Questão de Educação Bilíngue

Maria Ceres PEREIRA Mestrado em Letras/UFGD

RESUMO: Trata-se de uma discussão teórica presente no Projeto financiado pela CAPES – Investigações em Linguística Aplicada. Entre Política Linguística à Educação Bilingue. O Caso dos Tekohá Kuera no MS, vinculado ao Programa Observatório da Educação Escolar Indígena (CAPES/DEB/INEP), sediado no Programa de Mestrado em Letras FACALE/UFGD. Para fins desta comunicação proponho discutir a partir de pressupostos da Educação Bilingue e do RCNEI (Referencial Curricular para Escolas Indígenas/MEC) que tipo de educação bilíngüe tem sido praticada em escolas indígenas? quais as implicações deste tipo de escolha? o que dizem os professores a respeito? O objetivo é de contribuir com debate tendo em vista que, atualmente, professores indígenas tem se envolvido e, estes debates têm gerado atitudes como as da co-oficialização de línguas indígenas em contextos nacionais diversos e, Mato Grosso do Sul não está fora destas questões colocadas visto que, municípios como Tacuru e Paranhos têm desencadeado lutas pró co-oficialização com envolvimento políticos relevantes.

PALAVRAS-CHAVE: bilingüismo, docente indígena, educação.

Escola, currículo e cultura(s): cultura oral e cultura letrada na escola diferenciada

Marta Coelho Castro TROQUEZ (UFGD; UFMS)

RESUMO: A escola, enquanto instituição da sociedade moderna, trabalha com uma seleção de saberes ou elementos de cultura. A partir da Constituição Federal de 1988, garantiu-se o direito aos índios de terem suas línguas e culturas respeitadas no currículo escolar enquanto instrumentos de fortalecimento de identidade étnica e cultural. Sob uma perspectiva crítica, este trabalho se propõe a discutir aspectos relacionados à seleção de cultura operada pelo/no currículo escolar, especialmente no que diz respeito à relação cultura escolar (letrada) e cultura oral (geracional/tradicional) nos processos de educação escolar indígena. As considerações do texto apontam para limites e desafios enfrentados pelos diversos atores das escolas diferenciadas, os quais têm diante de si a tarefa de efetivar um currículo que dê conta de conteúdos que valorizem a tradição de suas culturas orais específicas e que, ao mesmo tempo, não negligenciem conteúdos advindos da cultura letrada necessários ao diálogo intercultural.

PALAVRAS-CHAVE: Educação escolar indígena; cultura oral; cultura letrada

A Aprendizagem de uma Língua Indígena em Ambiente Quase Urbano

COSTA, Rinaldo Vitor da (Facale/UFGD)

RESUMO: Minha intenção ao ir a uma aldeia de Dourados foi tentar verificar como a língua portuguesa (LP) é ensinada. Acreditava que a LP fosse ensinada como língua de estrangeira ou instrução e não como língua materna, uma vez que os professores eram indígenas da mesma etnia dos estudantes. Segundo o RCNEI a língua indígena (LI) no currículo escolar deve se equiparar à LP, portanto deveria ser a língua de instrução nas escolas das comunidades indígenas. Embora tenha tido poucas oportunidades de adentrar as salas de aula pude perceber um grande lapso entre a presença de ambas as línguas. Na biblioteca, não verifiquei a presença de textos em guarani, apenas textos de diversas modalidades, gibis, textos didáticos, revistas, porém exclusivamente em LP. Apesar de tamanha evidência de diglossia favorável à LP, a afirmação corrente é a de que se prioriza o guarani. O discurso demonstra a intenção dos professores, entretanto a pouca presença de material em LI evidencia a supremacia da LP. A opção escolar decorre, corretamente, da percepção da necessidade de se aprender e ensinar uma língua que possibilite inserção na comunidade karai (branca), e presença nos cargos de poder.

PALAVRAS-CHAVE: bilingüismo; diglossia; ensino de LP

A Origem da Família Guarani

Valentim Pires (Teko Arandu UFGD)

Nely Aparecida Maciel (Teko Arandu UFGD)

RESUMO: Este trabalho trata-se da importância da origem do universo Guarani; a base desse universo é a educação. O mundo, a natureza e o pensamento são explicados e vividos pelo povo Guarani. O universo de cada família depende de espaços, territórios para manter a vida. A natureza, como terra, rios, matos, pássaros, ventos, sol e estrela são de muita importância para o mundo Guarani. Cada família tem o suporte da educação, processos e avaliação de natureza própria. E segue o modelo de Tupã como exemplo na terra. Toda educação Guarani é trabalhada através de exemplos. A família Guarani é a continuação do mito explicado e contado pelas histórias dos mais velhos diante do fogo; que é um símbolo para a família.

PALAVRAS-CHAVE: Família Guarani; Educação

Língua e linguagem na formação de professores indígenas de matemática: implicações curriculares.

Prof^a.Me. Maria Aparecida Mendes de Oliveira (UFGD)

RESUMO: Este trabalho apresenta resultados de pesquisa concebida com o como objetivo apontar e analisar as tensões surgidas no processo de discussão do currículo que oriente a formação de professores indígenas. Foi realizado junto a um grupo coletivo de pesquisa-ação formado por professores indígenas (matriculados no curso) e professores não-indígenas que

atuam como formadores de um curso de Licenciatura em Matemática, Guarani e Kaiowá do estado de Mato Grosso do Sul. Esta Licenciatura é uma das habilitações específicas do curso de Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu* (Viver com sabedoria) oferecido pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). As tensões vivenciadas, no processo de constituição deste curso, trazem a tona a dimensão da coletividade, da interdisciplinaridade e da língua e linguagem, como elementos importantes a serem considerados na constituição de um currículo para a formação de professores indígenas. Neste texto destacamos a dimensão da língua e da linguagem quando se trata do ensino de matemática para estas comunidades. Tomamos como bases teóricas uma perspectiva crítica do currículo e o campo da Etnomatemática. Observa-se que a produção de significados nos discursos das instituições escolares, que por meio da imposição da língua portuguesa, impuseram práticas de significação da sociedade não indígena, desconsiderando as práticas de significação das sociedades indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem, etnomatemática, formação de professores.

Estudo da morfossintaxe da língua Kaingáng: uma descrição com base na gramática discursivo-funcional

Maria Sueli Ribeiro da SILVA (UNESP/SJRP)

RESUMO: Na década de 60, Ursula Wiesemann definiu um alfabeto para o Kaingáng. Contudo, houve um descontentamento por parte de algumas comunidades Kaingáng, em relação a esse alfabeto. Um deles ocorreu em Icatu, no interior paulista. Para os Kaingáng de Icatu, a escrita do Sul diverge do dialeto paulista. Apesar de utilizarem o dicionário de Wiesemann (1971), eles não concordam com algumas representações que lá aparecem, alegando divergências. Verificou-se, então, uma problemática quanto à descrição desse dialeto. Por meio da pesquisa de campo, foram coletadas sentenças do Kaingáng de Icatu. Após a elaboração de glosas, foi descrita a morfossintaxe desse dialeto, segundo a teoria funcionalista da Gramática Discursivo-Funcional. Notou-se, assim, como esse dialeto foi afetado em sua estrutura sintática, em razão do português ser a L1 (Língua Materna) e a língua mais falada entre os indígenas dessa comunidade Kaingáng.

PALAVRAS-CHAVE: língua Kaingáng; aldeia Icatu; morfossintaxe.

Um estudo das diferenças linguísticas entre a ortografia kaiowá e a guarani na aldeia Te'yikue

Renata CASTELÃO (UFGD)

Juliane Ferreira Vieira (SED)

Marcos Lúcio de Sousa Góis (UFGD)

RESUMO: A língua guarani, que antes de ser sistematizada pelos jesuítas não era escrita, assim como outras línguas, indígenas ou não, assimilou uma enorme variedade de vocábulos, no caso advindos da invasão cultural em face da colonização. O povo guarani conheceu a forma escrita de sua língua pelas mãos dos espanhóis, de maneira muito insuficiente, já que os colonizadores intentaram representar o guarani tendo como base o alfabeto espanhol, assim como seus sons, o que resultou em muitas divergências. Porém, mais tarde pelos franciscanos e jesuítas vieram os filólogos que começaram a modelar a língua guarani, estudando sua morfologia e sintaxe, elementos muito mais ricos que a sua grafia. Com a chegada da escola nas aldeias guarani, também chegou a escrita, o que era do conhecimento apenas dos não-índios. Nas aldeias de Mato Grosso do Sul, não foi diferente. Os Kaiowá e os Guarani se depararam com a escrita de sua língua a partir da visão dos estudos de não-índios, o que demonstrou divergências entre os estudiosos no que diz respeito à grafia das palavras. Isso se evidencia nos seguintes exemplos: enquanto os Kaiowá escrevem *nhandejary* (deus), *hery* (nome), *okêmy* (na porta), os Guarani registram, respectivamente, *ñandejara* (deus), *réra* (nome), *okême* (na porta). A ortografia é, pelo que se observa, levemente diferente, e, embora haja, em cada par, variações de um mesmo morfema, para os Guarani e Kaiowá, elas marcam diferenças identitárias entre os grupos. Este

trabalho objetiva mostrar, enfim, algumas diferenças na ortografia de língua Kaiowá e da língua Guarani, como também mostrar que essas distinções revelam a identidade de quem escreve.

PALAVRAS-CHAVE: Ortografia; Kaiowá e Guarani; Aldeia Te'yikue.

Prática Pedagógica no Ensino de História: Os Guarani/Kaiowá de Mato Grosso do Sul e os outros povos indígenas no Brasil.

Roseline MEZACASA (UFGD)

RESUMO: Neste trabalho buscarei dialogar/apresentar uma prática pedagógica desenvolvida nas aulas de História, no Ensino Fundamental do PROJOVEM - Saberes da Terra. A prática pedagógica foi desenvolvida com uma turma de alunos Guarani/Kaiowá, com idades entre 18 e 29 anos. O conteúdo versou sobre a diversidade dos povos indígenas no Brasil, a existência de diferentes línguas tradicionais, como também, a presença de grupos que falam a língua Guarani em distintos lugares. Essas discussões foram apresentadas e dialogadas com os alunos no decorrer de seis aulas. Buscou-se cruzar diferentes recursos didáticos, entre eles, um vídeo/documentário com elementos da cultura Krahô, mapas do Brasil, textos que tratam das lutas, organizações sociais/políticas dos povos indígenas, para assim, colocar os alunos Guarani/Kaiowá enquanto sujeitos históricos, inseridos em um quadro nacional de multiplicidade da população indígena. Em suma, no trabalho buscarei apresentar alguns elementos de possibilidades no desenvolvimento de atividades no ensino de História, em escolas indígenas, na busca da construção de uma Educação Escolar Indígena intercultural e de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade Cultural; Ensino de História; Educação de Jovens e Adultos.

O canto dos pássaros e os jeroki na alfabetização/letramento dos Guarani e Kaiowá

Maria Lêda Vieira de SOUSA (SED/MS)

RESUMO: O canto dos pássaros e os *jeroki* são elementos que transmitem conhecimentos, crenças e valores do cotidiano dos Guarani e Kaiowá. Levando em consideração que hoje as crianças não aprendem somente com os sábios ñaderukuéra, mas com a escola também, essa precisa reconhecer o modo holístico da cosmovisão indígena para que haja uma aprendizagem de qualidade, prazerosa e fácil. Montardo (2009) destaca os *jeroki* como fator de agregação das famílias e capaz de reelaborar as tradições. Segundo Melià (1979, p.20) a educação deve acontecer conforme a necessidade específica de cada povo, para aprender a escrever não basta considerar o sistema e uma só norma (normalmente a culta), é preciso entrar na história dos indígenas, penetrar no modo de pensar e de aprender, vivenciando mecanismos que sustentem o saber tradicional. Então trazer para sala de aula os cantos dos pássaros e os *jeroki* facilitará no processo de ensino/aprendizagem da escrita da língua indígena e não indígena.

PALAVRAS CHAVES: canto dos pássaros; instrumentos; escola